



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MIEBT OLIVEIRA DE ARAÚJO

**OLHANDO O PASSADO ATRAVÉS DO PRESENTE: O USO DAS NOVAS
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO DE
HISTÓRIA**

CAMPINA GRANDE –PB

2014

MIEBT OLIVEIRA DE ARAÚJO

OLHANDO O PASSADO ATRAVÉS DO PRESENTE: O USO DAS NOVAS
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO DE
HISTÓRIA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção de grau de especialista.

Orientador: Prof. Me. Valécio Irineu Barros

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A663o Araujo, Miebt Oliveira de
Olhando o passado através do presente [manuscrito] : o uso das novas tecnologias da informação e comunicação no ensino de história / Miebt Oliveira de Araujo. - 2014.
46 p. : il. color.

Digitado.
Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Prof. Valécio irineu Barros, Departamento de Letras".

1. Ensino de História. 2. Tecnologias de Informação e Comunicação. 3. Blogs. I. Título.

21. ed. CDD 372.89

MIEBT OLIVEIRA DE ARAÚJO

OLHANDO O PASSADO ATRAVÉS DO PRESENTE: O USO DAS NOVAS
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO DE
HISTÓRIA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção de grau de especialista.

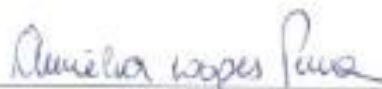
Aprovada em 06/12/2024.

BANCA EXAMINADORA

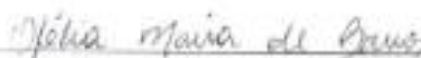


Prof. Me. Valécio Irineu Barros (orientador)

Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Dra. Auricélia Lopes Pereira



Prof. Dra. Ofélia Maria de Barros

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais Carlos e Socorro
por todo carinho, compreensão,
amor e sacrifícios realizados por
mim.*

AGRADECIMENTOS

Minha enorme gratidão:

A Deus, pois sem ele essa caminhada não teria sido possível;

Aos meus pais Carlos e Socorro, por toda uma vida de amor e apoio;

Aos meus avós Dezinha e José, pela grande ajuda na minha formação;

Ao meu namorado Kél, pelos momentos de felicidade e cumplicidade que
compartilhamos;

Ao meu orientador Valécio Irineu, pelo apoio, dedicação e paciência;

Às minhas amigas Rejanira e Marília pelo estímulo.

Aos meus irmãos Érica e Cedrique que sempre me ajudaram e apoiaram;

Aos demais colegas que compartilharam comigo angústias e alegrias no decorrer do
curso.

A todos vocês, o meu **MUITO OBRIGADA!**

*“As pessoas fazem a História, mas raramente
se dão conta do que estão fazendo.”*

Christopher Lee.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal discutir a relação entre o ensino de História e as novas tecnologias da informação e comunicação, com enfoque nas contribuições metodológicas dessas ferramentas. Ao longo do trabalho foram focalizados assuntos referentes ao ensino de História, como sua evolução histórica no Brasil e questões referentes ao currículo. Além disso, abordamos a inserção das novas tecnologias no ensino de História, revelando os desafios que se apresentam para os educadores. Por fim, descrevemos uma vivência de sala de aula com a introdução das novas ferramentas tecnológicas no ensino de História através do trabalho com *blogs*, realizado com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de ensino. Com tal prática pretende-se propiciar aos alunos as condições para pensar historicamente, problematizando suas condições de ser social a partir de sua historicidade.

Palavras chave: História, Ensino, Tecnologias de informação e comunicação. Blogs.

ABSTRACT

This article aims to discuss the relationship between the teaching of history and the new technologies of information and communication, focusing on methodological contributions of these tools. Throughout the work we were focused on issues related to the teaching of history, as its historical evolution in Brazil and questions regarding the curriculum. Besides, we discuss the integration of new technologies in the teaching of history, revealing the challenges ahead for educators. Finally, we describe a classroom experience with the introduction of new technological tools in the teaching of history by working with blogs, conducted with students from 9th grade of elementary school of a school of public schools. With such a practice is intended to provide students with the conditions to think historically, questioning their conditions of social being from its historicity.

Keywords: history, education, information and communication technologies. Blogs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I: ENSINO DE HISTÓRIA E CURRÍCULO.....	12
1.1 Breve histórico do ensino de História no Brasil.....	12
1.2 Reflexão acerca do currículo proposto para o ensino de História.....	17
CAPÍTULO II: A INCORPORAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO DA HISTÓRIA.....	21
2.1 A educação na era das tecnologias.....	21
2.2 O ensino de História e as novas tecnologias.....	24
CAPÍTULO III: INCORPORANDO AS NOVAS TECNOLOGIAS ÀS AULAS DE HISTÓRIA: UM ESTUDO DE CASO.....	28
3.1 Utilizando blogs como recurso pedagógico nas aulas de História.....	28
3.1.1 Diagnóstico.....	29
3.1.2 Sensibilização.....	33
3.1.3 Produção e atualização dos <i>blogs</i>	34
3.1.4 Avaliação do trabalho.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

INTRODUÇÃO

Vivemos na sociedade da tecnologia, caracterizada pela rapidez e abrangência de informações. A realidade do mundo, na atualidade, requer um novo perfil de profissional e de cidadão, que coloca para a escola novos desafios. Uma das funções da escola moderna é capacitar o aluno para interagir com as ferramentas digitais e habilitá-lo a desenvolver o senso investigativo, a capacidade crítica e resolver problemas.

Para atingir esses objetivos, a escola precisa repensar suas práticas educativas. O professor precisa ressignificar suas práticas pedagógicas e expandi-las através da incorporação do uso das tecnologias de informação e comunicação, as chamadas TICs.

Essas novas tecnologias fazem parte do dia-a-dia dos alunos, sendo necessário que estejam também no cotidiano da escola. Contudo, os métodos tradicionais não poderão ser esquecidos ou abolidos, mas devem ser complementados e integralizados pelos materiais pedagógicos digitalizados. A tecnologia é uma facilitadora para a vida do ser humano, devendo prestar a mesma função no tocante ao processo ensino-aprendizagem.

A introdução das novas tecnologias da informação e comunicação nas salas de aula reflete uma aprendizagem diferente, pois professor e aluno tornam-se parceiros, visto que o professor não é um transmissor de conhecimento, mas um provocador, enquanto que o aluno sai da passividade e se torna construtor da sua própria aprendizagem. De acordo com Moran (2009), o computador torna-se um aliado do professor no processo ensino-aprendizagem, proporcionando transformações no ambiente de aprender e questionando as formas de ensinar.

Nesse cenário de mudanças, o professor precisa saber utilizar as novas tecnologias na sua prática docente, não somente como recurso didático, mas como ferramenta adequada ao processo pedagógico.

O ensino de História, assim como as demais disciplinas, também requer que o professor tenha conhecimento dos novos recursos tecnológicos e procure meios para utilizar as ferramentas tecnológicas em sua prática pedagógica.

É de suma relevância que o professor perceba que o ambiente da sala de aula pode ser transformado em um grande centro de pesquisa, podendo ser uma via de mão dupla, local onde se ensina e também se aprende. A novidade na sala de aula é necessária, competindo ao professor procurar meios para conseguir transformar o passado, tão antigo, em objeto novo e interessante.

Em razão desses aspectos, o presente trabalho monográfico tem como objetivo trazer reflexões acerca da introdução das novas tecnologias no ensino de História, olhando para as ferramentas tecnológicas como possibilidades pedagógicas propícias a serem empregadas no processo de ensino-aprendizagem dessa disciplina escolar. Nesse movimento propõe-se um estudo de caso, abordando um trabalho pedagógico que utiliza *blogs*¹ como ferramenta para despertar o interesse dos alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública do estado da Paraíba pela disciplina de História, buscando promover a autonomia dos mesmos no processo de ensino-aprendizagem.

O objeto de estudo deste trabalho foi encontrado dentro da sala de aula. Como professora de História pude verificar a constante desatenção dos alunos da turma escolhida, bem como o uso recorrente do celular e da internet durante as aulas, o que me levou a buscar uma alternativa que conciliasse o mundo digital com as aulas de História. Além da problemática já citada, a turma apresentava baixa participação nas aulas e um rendimento escolar que apontava para déficit de aprendizagem.

Para atender ao objetivo dessa pesquisa, num primeiro momento apresentaremos um breve histórico do ensino de História no Brasil, desde a chegada dos europeus até as discussões atuais acerca dos novos objetivos que a disciplina adquiriu no atual momento de consolidação democrática. Traremos também, nesse momento inicial, uma reflexão em torno da questão do currículo proposto para a disciplina de História, atualmente.

A seguir, analisaremos os novos desafios da educação na era das tecnologias e abordaremos a inserção das novas tecnologias da informação e comunicação no ensino de História, enfocando as opiniões de alguns teóricos a respeito do assunto.

Por fim, apresentaremos o estudo de caso supracitado, abordando a utilização das novas tecnologias da informação e comunicação, especificamente a criação e atualizações de *blogs*, nas aulas de História como parte integrante do processo ensino-aprendizagem.

¹ Blog é uma palavra que resulta da simplificação do termo weblog. Este, por sua vez, é resultante da justaposição das palavras da língua inglesa web e log. Web aparece aqui com o significado de rede (da internet) enquanto que log é utilizado para designar o registro de atividade ou desempenho regular de algo. Numa tradução livre podemos definir blog como um diário online. Nesse tipo de site é possível combinar textos, imagens, vídeos e links de outros sites, se constituindo, assim, num espaço para comentários e interação. Devido a sua estrutura de atualizações rápidas, as chamadas postagens que permitem aos participantes um espaço múltiplo e dinâmico, ele se assemelha as redes sociais, as quais nossos alunos já estão habituados. Os *blogs* abordaram temáticas estudadas em sala de aula, objetivando aprofundar o conhecimento dos alunos, que tiveram a oportunidade de aprender fazendo.

Ao final deste novo estudo, esperamos atingir os nossos principais objetivos; entretanto, sabemos que essa pesquisa não esgota de forma alguma as possibilidades de estudos acerca do tema, havendo ainda muitos aspectos a serem analisados por outros pesquisadores interessados.

CAPÍTULO I

ENSINO DE HISTÓRIA E CURRÍCULO

1.1 Breve histórico do ensino de História no Brasil

Consideramos necessário, nesse início de diálogo, fazer uma breve incursão pela trajetória histórica do ensino de História no Brasil com vistas a promover uma revisão, que facilitará nosso estudo acerca do currículo proposto para o ensino de História.

O ensino de História no Brasil é marcado pelas características sociais e políticas de cada tempo. Dessa forma, no decorrer de cada período da nossa história, tanto no âmbito escolar como no meio acadêmico, as transformações são constantes.

No período colonial o conhecimento histórico e a forma como esse conhecimento era transmitido ficava a cargo da Igreja Católica, especialmente da Companhia de Jesus, principal ordem religiosa da época. A História ensinada era voltada para a erudição e os educadores pouco preocupados com a realidade social e com a qualificação para o trabalho. Nesse sentido, a educação colonial, além de muito restrita, era diretamente vinculada às ideias religiosas, não podendo contrariar a fé católica nem a Coroa portuguesa.

Como destaca Fonseca (2006), esse tipo de educação voltava-se para a conversão dos indígenas e também para a preparação de uma seleta elite da aristocracia colonial para seu ingresso nas universidades portuguesas de Évora e Coimbra.

As diretrizes educacionais estabelecidas pelos padres jesuítas organizaram o ensino nos estabelecimentos brasileiros até a expulsão da Companhia de Jesus pelo Marquês de Pombal, em 1759. A administração pombalina, que se deu na segunda metade do século XVIII, e que recebeu influência das ideias iluministas, percebia a importância da educação no processo de modernização e de desenvolvimento. No entanto, embora pautada nos ideais iluministas, as reformas empreendidas pelo Marquês de Pombal, no campo educacional, não deixavam de ser aristocráticas, pois o acesso à educação continuava restrito às elites, como demonstra a pesquisadora Thais Nívea de Lima Fonseca:

A prática, contudo, não acompanhou as ideias e pouco avanço houve no Brasil, ficando o processo profundamente fragmentado pelo sistema das aulas avulsas, pela falta de recursos, de professores e de material. As famílias mais abastadas viam-se não raro, na contingência de pagarem elas mesmas a remuneração dos professores régios ou de contratarem os mestres particulares, levando a instrução para o ambiente privado. (FONSECA, 2006, p. 41)

Em outras palavras, a educação não era acessível a todos, e até os membros da elite enfrentavam dificuldades, sendo necessário, algumas vezes, recorrerem aos professores particulares. Nesse contexto, os menos favorecidos financeiramente estavam fadados ao analfabetismo.

Na reforma pombalina a História ganhou um destaque adicional, pois era indispensável para os estudos humanísticos, filosóficos, jurídicos e teológicos. Porém, ela ainda continuava sem autonomia como disciplina escolar na estrutura educacional. A constituição da História como disciplina escolar, no Brasil, só ocorreu após a independência, com o processo de estruturação de um sistema de ensino para o Império.

O processo de independência refletiu nas propostas pedagógicas do período e na forma como a História era ensinada. Como reflexo das propostas europeias, as novas propostas pedagógicas para o Ensino Secundário trouxeram mudanças para a educação pública no Brasil, o que pode ser observado, por exemplo, na criação do Colégio Pedro Segundo, em 1937, e na reforma curricular de 1878, com a instituição de uma grade curricular que dava grande importância às Ciências Naturais e Humanas, seguindo os preceitos dos discursos cientificista da época.

O ensino da História do Brasil mantinha-se vinculado às narrativas que exaltavam personagens apresentados como condutores da nação, especialmente membros das elites e clérigos que compunham os governos. Além da literatura e do Colégio Pedro II, outro importante instrumento ideológico criado pelo Estado, que corroborava essa visão dos governantes como protagonistas da História, foi o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Criado em 1838, esse instituto teve a missão de elaborar uma história nacional e de difundir-la por meio da educação, mais precisamente por meio do ensino de História.

A pesquisadora Thais Nívia Fonseca revela que, nesse contexto, “Produzia-se e ensinava-se, a julgar pelos programas e pelos textos dos livros didáticos, uma História eminentemente política, nacionalista e que exaltava a colonização portuguesa, a ação missionária da Igreja católica e a monarquia.” (FONSECA, 2006, p. 47)

O surgimento da História enquanto ciência, no século XIX, favoreceu sua regulamentação como disciplina escolar. Foi nesse contexto que surgiram os primeiros manuais escolares, como foi o caso de *Lições de História do Brasil para uso dos alunos do Imperial Colégio de Pedro II*, produzido por Joaquim Manuel de Macedo, professor do Colégio Pedro II, do qual decorriam as tendências educacionais para as demais escolas do país.

No entanto, é importante considerar que no final do século XIX e início do século XX, a partir dos manuais educacionais produzidos sobre forte influência do IHGB e baseados na questão da nacionalidade e da moral, a História foi se consolidando enquanto disciplina e ganhando metodologias mais apuradas.

Independente dos avanços obtidos, no fim do Império a educação continuava a reforçar a exclusão das camadas populares. O professor, por sua vez, limitava-se a apresentar a História segundo a verdade estabelecida pelas elites regionais, o que impedia a formação de uma consciência para a cidadania. Nesse sentido, o ensino dessa disciplina continuava como uma extensão do poder dominante para a reprodução das desigualdades sociais.

O fim do Império foi marcado por uma acentuada desvinculação entre ensino e religião. A República implementou o uso da educação como a solução para os problemas sociais e como instrumento de valorização da cultura regional. Obedecendo aos requisitos da tradição positivista, predominante no período, a História era factual e pouco crítica. Em vez de se discutir a concentração de terras, que era a responsável pela exclusão de grande parte da população do processo produtivo, mostrava-se os governantes considerados “heróis nacionais” e suas respectivas obras.

Os movimentos sociais desse período – que contestavam a injusta distribuição de terras, a ausência do Estado e a concentração de poder nas mãos dos coronéis, como o cangaço e os movimentos messiânicos – eram taxados com badernas que ameaçavam a ordem pública, e seus líderes eram julgados como marginais e sanguinários que não aceitavam a ordem estabelecida.

As manifestações culturais populares eram desprezadas e as heranças negra e indígena, ignoradas. Ao índio coube o papel passivo de ser aculturado e ao negro, um papel indefinido em que não era visto nem como vítima do sistema de exploração, nem como um exemplo de resistência.

Apesar do ensino da História do Brasil ter recebido um papel civilizatório de formar o cidadão comprometido com os valores patrióticos, esse projeto só foi possível

com a radicalização político-social evidenciada na Revolução de 1930, como ressalta Fonseca:

No entanto, foram as reformas do sistema de ensino nas décadas de 30 e 40 que promoveram a centralização das políticas educacionais e colocaram o ensino de História no centro das propostas de formação da unidade nacional, consolidando-a, definitivamente, como disciplina escolar. A partir desse momento, não mais deixaria de haver programas curriculares estruturados como definição de conteúdo, indicação de prioridades, orientação quanto aos procedimentos didáticos e indicação de livros e manuais. (FONSECA, 2006, p. 52)

De acordo com a autora, nas décadas de 1930 e 1940, a História assumiu, de uma vez por todas, a posição de disciplina escolar e, dessa forma, era mais fácil disseminar os ideários políticos de nação e de patriotismo, conforme queria o governo de Getúlio Vargas.

Com o golpe liderado por Vargas em 1937, houve um retrocesso na discussão de propostas pedagógicas mais eficientes e adequada à nossa realidade. O regime de exceção, implantado pelo Estado Novo, perseguiu os movimentos populares e reforçou o uso da História como o grande instrumento ideológico do Estado. Nesse contexto de ditadura, o ensino de História voltou a ser mero instrumento de reprodução dos valores dominantes e de alienação. As aulas continuaram a se pautar pela sucessão de nomes e datas.

Para Fonseca (2006), o uso do ensino de História para a construção de uma identidade nacional foi altamente explorado na Era Vargas. Elaborando e utilizando imagens de heróis nacionais como Tiradentes, o governo Vargas queria consolidar um discurso que arregimentasse os brasileiros ao seu ideal de nação e, mesmo, às suas atuações internacionais com a ida de soldados brasileiros para lutarem na Segunda Guerra Mundial.

Mesmo após o fim do governo Vargas, quando houve algumas mudanças com uma menor intervenção estatal, a disciplina de História pouco se afastou dos conceitos tradicionais que a vinham norteando. Como golpe de 1964, o ensino de História foi acoplado ao de Geografia numa disciplina denominada Estudos Sociais. Essa fusão representou mais um retrocesso, na medida em que as disciplinas, outrora independentes, perderam suas especificidades e ambas tornaram-se reprodutoras de um

saber construído pelas elites, visando atender aos seus interesses. A respeito da disciplina de Estudos Sociais, Thais Nívea Fonseca ressalta:

Segundo as determinações do próprio Conselho Federal de Educação, a finalidade básica dos Estudos Sociais seria ajustar o aluno ao seu meio, preparando-o para a “convivência cooperativa” e para suas futuras responsabilidades como cidadãos, no sentido de “cumprimento dos deveres básicos para com a comunidade, o Estado e a Nação”. Nessa concepção, os homens não aparecem como construtores da história; ela é conduzida pelos “grandes vultos”, cultuados e glorificados como os únicos sujeitos históricos. (FONSECA, 2006, p. 57, 58)

Nesse sentido, só era possível ensinar uma História descritiva e de culto aos “heróis” e que não denunciasse a realidade das injustiças sociais do país, objetivando exercer o controle ideológico e eliminar qualquer possibilidade de resistência ao regime autoritário.

Esse autoritarismo se refletia também no método pedagógico e na relação professor/aluno. O professor figurava como detentor do saber e do poder, enquanto que o aluno era tido como um simples receptor do conhecimento, incapaz de formular qualquer pensamento crítico e reflexivo.

A partir do fim da década de 70, com o processo de abertura política, os profissionais das áreas de História e Geografia se mobilizaram para o fim da disciplina de Estudos Sociais e a volta das disciplinas de forma autônoma. Esta mobilização surtiu efeito e, com o fim do Regime Militar, as disciplinas voltaram a existir de forma independente.

Com o fim do processo de redemocratização, em 1989, a História finalmente assumiu caráter crítico, sendo possível trabalhar com processos históricos complexos, tendo como base para a estruturação do conhecimento a interação entre diversos grupos sociais.

Atualmente, a História vem buscando responder aos questionamentos dos variados processos humanos através do tempo, bem como preparar o cidadão para entender e participar dos processos democráticos do país. Nessa perspectiva, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais, a História tem o objetivo de atuar no processo de construção da cidadania e democracia do país. No entanto, esse objetivo esbarra,

muitas vezes, na falta de capacitação e de valorização dos profissionais da área, assim como de material adequado.

1.2 Reflexão acerca do currículo proposto para o ensino de História

Consideramos pertinente trazer, nesse momento de nosso estudo, uma reflexão em torno da questão do currículo proposto para a disciplina de História. Antes de partirmos para a análise pretendida, destacaremos o conceito de currículo que utilizaremos como referência, bem como as teorias educacionais que o sustentam.

Adotamos a concepção de currículo do pesquisador Tomaz Tadeu da Silva, para quem “Currículo é sempre resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes, seleciona-se aquela parte que vai construir, precisamente o currículo.” (SILVA, 2010, p.15)

Nesse sentido, podemos afirmar que o currículo não é uma listagem de conteúdos, mas um processo construído a partir de um contexto histórico e social, que envolve conhecimentos científicos e aspectos culturais. Em vista disso, é possível ressaltar que não há neutralidade nesse processo, pois quem o faz tem por base uma visão de mundo e de escola que orienta sua reflexão.

Silva (2010) faz uma importante análise sobre as teorias do currículo e a contribuição destas nos estudos sobre o currículo e suas implicações na formação da subjetividade e identidade dos sujeitos. As teorias do currículo procuram justificar a escolha de determinados conhecimentos e saberes em detrimento de outros, considerados menos importantes.

Para a teoria tradicional, o currículo deveria conceber uma escola que funcionasse de forma semelhante a qualquer empresa comercial ou industrial. Sua ênfase estava voltada para a eficiência, produtividade, organização e desenvolvimento. Nesse contexto, as escolas seriam centradas na transmissão de conhecimentos resultantes da sistematização de conteúdos, que deveriam ser ministrado pelo professor e acumulado pelos alunos, como podemos observar nas palavras do autor “As teorias tradicionais, ao aceitar mais facilmente o *status quo*, os conhecimentos e os saberes dominantes, acabam por se concentrar em questões técnicas” (SILVA, 2010, p.16).

Na década de 1960, surgiram as teorias críticas que questionam o *status quo*, visto como responsável pelas injustiças sociais, e procuram construir uma análise que

permita conhecer não como se faz o currículo, mas compreender o que o currículo faz. Essas teorias enfatizam, ao contrário das teorias tradicionais, a ideologia, a reprodução cultural e social, classes sociais, capitalismo, relações sociais de produção, conscientização, emancipação, libertação e resistência.

No âmbito dessas teorias, Silva (2010) aborda o currículo oculto, apresentado como sendo aquele que, embora não faça parte do currículo escolar, encontra-se presente nas escolas através de aspectos pertencentes ao ambiente escolar e que influenciam na aprendizagem dos alunos. Nas palavras do autor:

Currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes. (...) Para a perspectiva crítica, o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações que permitem que crianças e jovens se ajustem da forma conveniente às estruturas e às pautas de funcionamento, consideradas injustas e antidemocráticas e, portanto, indesejáveis, da sociedade capitalista. (SILVA, 2010, p.78/79)

Dessa forma, na visão crítica, o currículo oculto forma atitudes, comportamentos, valores, orientações etc., que possibilitem a adaptação dos indivíduos ao sistema característico da sociedade capitalista.

As propostas curriculares de História, elaboradas nos últimos anos, estão relacionadas aos debates que surgiram no final do período da ditadura militar, quando, como vimos anteriormente, aconteceu o retorno da História e Geografia, como disciplinas autônomas, em substituição aos Estudos Sociais.

Com a abertura política, do final da década de 70, grupos sociais das classes trabalhadoras começaram a frequentar escolas que, até então, haviam sido pensadas e organizadas para setores privilegiados da sociedade. A entrada de alunos portadores de diferentes culturas e experiências “colocou em xeque a estrutura escolar e o conhecimento que ela tradicionalmente vinha produzindo e transmitindo.” (Bittencourt, 2004, p. 14)

A discussão curricular no país ganhou força a partir de meados da década de 1990, quando o Ministério da Educação iniciou um processo de elaboração dos currículos nacionais. Essa discussão resultou nos Parâmetros Curriculares Nacionais

(PCNs), que foram elaborados por uma equipe escolhida pelo MEC com a colaboração de intelectuais dos diversos campos do conhecimento.

Como parte do processo de renovação curricular, o ensino de História vem passando por reformulações que incluem a rediscussão dos objetivos dessa disciplina. Atualmente, como foi frisado anteriormente, é atribuído ao ensino de História o dever de dar ao aluno condições de refletir sobre os acontecimentos do presente, localizá-los em um tempo conjuntural e estrutural, estabelecer relações entre os diversos fatos políticos, econômicos e culturais.

A inovação nas propostas dos anos 1990 está na ênfase atual ao papel da História ensinada para a compreensão do “sentir-se sujeito histórico” e em sua contribuição para “formação de um cidadão crítico”. Devemos ter em mente que a preocupação com a formação deste novo conceito de sujeito histórico, no caso do Brasil, está muito influenciada pelas experiências desagradáveis vividas durante os anos de exceção, entre 1964 e 1984.

Embora abra espaço para a defesa da cidadania como meta dos objetivos da disciplina, Bittencourt nota que “a explicitação do conceito de cidadão que aparece nos conteúdos é limitada à cidadania política, à formação do eleitor dentro das concepções democráticas do modelo liberal” (2004 p. 21-22). A cidadania social, que abarca conceitos de igualdades, de justiça, de diferenças, de lutas e conquistas, de compromissos e de rupturas tem sido pouco explorada e explicitada pela maioria das propostas analisadas. Neste sentido, a autora sugere que se enfatize e amplie o conceito de cidadania no interior das propostas curriculares de História.

A sociedade contemporânea vivencia uma compreensão quase universal de um imediatismo globalizado na cultura, política e também no ensino. Os alunos atuais estão sendo bombardeados por história espetaculares nas novelas, filmes, e outros meios que contrastam com a sala de aula repleta de cadernos, giz, professor e carteiras, uma realidade que acaba sendo tediosa para os alunos. Nesse sentido são esclarecedoras as afirmações de Circe Bittencourt:

(...) a sociedade consumista tem se estruturado sobre a égide do mundo tecnológico, responsável por ritmos de mudanças acelerados, fazendo com que tudo rapidamente se transforme em passado, não um passado saudosista ou como memória individual ou coletiva, mas, simplesmente, um passado ultrapassado. Trata-se de gerações que vivem o presenteísmo de forma intensa, sem perceber liames com o

passado e que possuem vagas perspectivas em relação ao futuro, pelas necessidades impostas pela sociedade de consumo, que transforma tudo, inclusive o saber escolar, em mercadoria. A História oferecida para as novas gerações é a do espetáculo, pelos filmes, propagandas, novelas, desfiles carnavalescos... (BITTENCOURT, 2004, p. 14)

Como o presente geralmente é o que interessa ao ser humano, os alunos também estão inseridos nesse mundo atual, do novo, do moderno. O presenteísmo é um mal que afeta toda a sociedade diante de rapidez com que as coisas vão ocorrendo e dos inúmeros avanços tecnológicos. Nesse contexto, nossos alunos acabam tendo a sensação de que estão vivendo um presente contínuo, desvinculado do passado.

Nesse sentido, é tarefa do professor de História mostrar para os alunos que o presente é resultado de acontecimentos do passado, bem como criar situações que façam os estudantes perceberem que a História é vida. Esse é um trabalho de construção e formação que demanda tempo, pois é necessário resgatar o prazer de conhecer o passado remoto e recente, para que possamos entender, de forma mais sistêmica e profunda, os fenômenos da realidade social e política que nos cercam cotidianamente.

CAPÍTULO II

A INCORPORAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO DA HISTÓRIA

2.1 A educação na era das tecnologias

Em cada momento histórico a escola constitui uma expressão e uma resposta à sociedade na qual está inserida. Atualmente não é diferente. Com as mudanças provocadas pelos avanços tecnológicos do século XX, a sociedade começou a exigir da escola maior participação na educação das novas gerações. Nesse sentido, a escola enquanto formadora de conhecimento precisa acompanhar tais mudanças, ciente que o conhecimento vem sendo processado de forma muito rápida, exigindo que professores e alunos se adaptem às novas realidades.

No entanto, a escola continua “calcada no paradigma edificado por procedimentos dedutivos e lineares, desconhecendo o substrato tecnológico do mundo contemporâneo.” (BRITO, PURIFICAÇÃO, 2008, p. 7) Ou seja, a escola deve estar atenta às novas formas de aprender, propiciadas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, as chamadas TICs², sob pena de tornar-se obsoleta.

As crianças e os adolescentes de hoje fazem parte da primeira geração quase que totalmente imersa na tecnologia. Eles interagem ente si, divertem-se com jogos, se relacionam através das redes sociais, expõem sua intimidade, baixam músicas, filmam, etc. Essa geração que nasceu entre 1980 e 1994 é chamada pelo pesquisador americano Marc Prensky de “nativos digitais”³. De acordo com esse pesquisador, o que caracteriza esses jovens é o fato de eles estarem acostumados a obter informações de forma rápida e costumarem recorrer primeiramente às fontes digitais e à internet antes de pesquisarem em livros ou na mídia impressa. (PRENSKY apud LEMOS, 2009, p. 39)

Muitos desses jovens⁴ estão acostumados a obter informações de forma rápida e a interagir com diversas mídias ao mesmo tempo, o que se dá em função da sua

² Chamamos de TICs as tecnologias utilizadas para reunir, distribuir e compartilhar informações, como por exemplo: sites, equipamentos de informática (hardware e software), telefonia, entre outros.

³ O termo refere-se ao fato de as pessoas que fazem parte dessa geração “falarem” a linguagem digital desde que nasceram.

⁴ Vale destacar que não são todos os jovens, de todas as camadas sociais, que têm acesso aos mesmos equipamentos eletrônicos.

convivência diária com celulares modernos, que desempenham várias funções, e com computadores, praticamente desde que nasceram. Além disso, eles têm o hábito de ficarem constantemente conectados com seus pares, seja através de seus celulares ligados à internet, que enviam mensagens instantâneas (WhatsApp), seja através de computadores pessoais.

Essa geração é caracterizada por pensar e processar informações de forma diferente das gerações anteriores, visto que conseguem realizar várias tarefas simultaneamente, como por exemplo, fazer o download de suas músicas e episódios de séries favoritas, fazer as tarefas escolares e trocar mensagens com os amigos.

Aquelas pessoas que aprenderam a usar as tecnologias digitais ao longo de suas vidas adultas são chamadas por Prensky de “imigrantes digitais” (PRENSKY apud LEMOS, 2009, p. 41). Ainda que aprendam a usar a linguagem digital, eles ainda continuam presos a práticas antigas, como por exemplo, a necessidade que algumas pessoas tem, às vezes, de imprimir textos para poderem lê-los, o então a necessidade de escrever seus textos a mão usando papel e caneta antes de digitá-los. Além disso, os “imigrantes” costumam buscar informações em livros, jornais e outras formas de mídia impressas, coisas que geralmente não são cogitadas pelos “nativos”.

Nesse contexto, é possível observar um contraste entre o cotidiano dos jovens e seu meio escolar, onde predomina a transmissão de conhecimentos do professor para o aluno, que não tem interesse em ser apenas ouvinte ou observador, mas se sente estimulado por atividades que o convidem a interagir.

Essa geração não consegue simplesmente ficar parada, enquanto o professor discorre em aulas expositivas. Para eles, por exemplo, não é interessante ler um manual de um equipamento ou jogo antes de usá-lo, eles preferem um processo de tentativa e erro, ou seja, para eles o aprender fazendo é mais instigante que observar para depois fazer.

No entanto, de acordo com José Manuel Moran, poucas mudanças podem ser observadas com a introdução das novas tecnologias nas escolas, pois o professor continua falando e o aluno ouvindo. Assim, “as tecnologias são utilizadas mais para ilustrar o conteúdo do professor do que para criar novos desafios didáticos”. (MORAN, 2007, p. 2)

No mundo contemporâneo ensinar e aprender estão se tornando atividades complexas devido à grande quantidade de informações, fontes e visões diferentes de mundo. Educar tornou-se uma atividade complexa devido ao fato da sociedade também

ter se tornado complexa, exigindo novas competências a serem dominadas pelos alunos. Nesse sentido, Moran afirma que “precisamos repensar todo o processo, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades, a definir o que vale a pena fazer para aprender, juntos ou separados.” (MORAN, 2004, p. 2)

Do ponto de vista metodológico não basta o professor expor conteúdos, é necessário provocar os alunos, criando tensões produtivas. Quando falamos de metodologia, José Manuel Moran afirma que:

Uma das dimensões fundamentais do ato de educar é ajudar a *encontrar uma lógica dentro do caos de informações* que temos, organizá-las numa síntese coerente, mesmo que momentânea, compreendê-las. Compreender é organizar, sistematizar, comparar, avaliar, contextualizar. Uma segunda dimensão pedagógica procura *questionar essa compreensão, criar uma tensão para superá-la*, para modificá-la, para avançar para novas sínteses, outros momentos e formas de compreensão. Para isso o professor precisa questionar, criar tensões produtivas e provocar o nível de compreensão existente. (MORAN, 2009, p. 1)

O autor nos alerta sobre o enorme fluxo de informações ao qual estamos expostos e sobre a importância do professor ao saber dividir os processos de organização e provocação em sala de aula; de modo que o aluno seja provocado e instigado a aprender, mas que também tenha a possibilidade de sintetizar e se apropriar do que aprendeu.

Ter acesso a mais informações não significa necessariamente que temos mais conhecimento. Entretanto, essas informações podem ser transformadas em conhecimento, para isso é necessário que o professor conduza seus alunos e construir esses conhecimentos. O papel do professor consiste em mediar pesquisas e desenvolver projetos, e não apenas transmitir conhecimentos específicos. Conforme Moran,

O educador continua sendo importante, não como informador nem como papagaio repetidor de informações prontas, mas como mediador e organizador de processos. O professor é um pesquisador – junto com os alunos – e articulador de aprendizagens ativas, um conselheiro de pessoas diferentes, um avaliador dos resultados. O papel dele é mais nobre, menos repetitivo e mais criativo do que na escola convencional. (MORAN, 2009, p. 2)

Nesse sentido, podemos afirmar que a era das novas tecnologias solicita aos professores um maior domínio, não apenas dos seus conteúdos disciplinares, mas também dos processos de construção do conhecimento e da formação do ser social, além de conhecimentos de informática.

As novas exigências educacionais requerem um professor capaz de ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos meios de comunicação. Os professores não podem mais ignorar a televisão, o vídeo, o celular, o computador, que são veículos de informação, de comunicação, de aprendizagem, de lazer, pois o livro didático e o professor já não são as únicas fontes de conhecimento.

A inserção das novas tecnologias no ensino vem incentivando a crença equivocada de que o computador e outras mídias podem substituir a relação pedagógica convencional, criando-se, com isso, a ilusão de que é possível a aprendizagem apenas com a presença do aluno diante de equipamentos de informática.

Essa crença tem como consequência a resistência, entre os professores, em dispor de linguagens diferenciadas das convencionais, tais como o livro didático e o quadro. Há, conforme Libâneo (1998, p.32), “certo temor pela máquina e equipamentos eletrônicos, medo da despersonalização e de ser substituído pelo computador, ameaça ao emprego, precária formação cultural e científica ou formação que não inclui a tecnologia”.

O aluno da era das tecnologias tem uma relação de cumplicidade com seu celular e seu computador, equipamentos que fazem com que sua mente fique repleta de novas informações que necessitam de ajuda para serem assimiladas. Dessa forma, a escola sempre será necessária e o educador também, é claro; como menciona Libâneo (1998), é preciso que haja uma espécie de intermediação entre as informações que os educandos recebem a todo instante e o que lhes será realmente necessário para seu aprendizado e seu desenvolvimento, como educando, como cidadão e como ser humano.

2.2 O ensino de História e as novas tecnologias

Sendo a História uma disciplina pertencente ao currículo escolar dos ensinos fundamental e médio, é necessário que a forma como ela vem sendo ensinada nas escolas seja repensada para atender melhor a atual demanda de alunos, que estão

constantemente conectados e recebem um grande número de informações em um curto intervalo de tempo.

No entanto, o ensino de História, na maioria das escolas brasileiras, ainda acontece de forma decorativa e desconectada do cotidiano, não acompanhando o movimento de modernização com o qual a educação tem se deparado. Tem-se ensinado uma História predominantemente factual, trabalhando com as tendências narrativas e positivistas, tornando-se, assim, um ensino desinteressante para o aluno. Nas palavras de Carlos Augusto Lima Ferreira:

A concepção de história que os profissionais do ensino de história, historiadores, autores e professores nos apresentam hoje em dia ainda permeia uma história dos vencedores, aqueles que criam os “fatos” históricos e os transmitem como “verdades” definitivas, absolutas e cristalizadas, ligadas, portanto, a uma concepção positivista da história, que separa de maneira estanque o passado e o presente, negando o presente enquanto construção, já que, na visão de muitos, a história é apenas passado. (FERREIRA, 1999, p. 140)

Ou seja, os conteúdos e a forma como eles vêm sendo trabalhados durante as aulas de história se distanciam bastante da realidade dos alunos, que geralmente não conseguem estabelecer uma ponte entre o que está sendo estudado e seu cotidiano, o que torna as aulas monótonas e desinteressantes.

Na visão de muitos, o estudo da História consiste apenas em lembrar o passado e o profissional da área é cobrado pela sociedade para dominar toda a história da humanidade, sendo esse o requisito para se reconhecer sua competência, ou seja, há uma valorização da repetição em detrimento do trabalho crítico e reflexivo.

No entanto, é preciso desenvolver uma história na perspectiva crítico-dialética, em outras palavras, olhar o presente como resultado de acontecimentos do passado utilizando novas lentes, que estão presentes no cotidiano dos alunos, tornando, assim, o ensino-aprendizagem mais atraente e criativo.

Como a nossa sociedade sofre um ritmo intenso de modificações, o ensino de História tem que acompanhar esse processo, sob pena de transmitir conhecimentos de forma ultrapassada. Para isto deve incorporar as invenções tecnológicas com que os alunos já lidam em seu cotidiano. Pois, de acordo com Carlos Augusto Lima Ferreira,

Constitui-se hoje, para os educadores do ensino fundamental e médio, um desafio muito grande ensinar alunos que têm contato cada vez maior com os meios de comunicação e sofrem a influência da televisão, rádio, jornal, vídeo-games, fax, computador, redes de informações e etc. (1999, p. 144)

Para alcançarmos mudanças devemos produzir um ensino que procure desenvolver a produção do conhecimento vinculado ao ensino e à pesquisa, oportunizando aos alunos uma postura que leve sempre ao questionamento e à constante reflexão.

Nessa perspectiva, o ensino de História deve estar atento para as mudanças advindas dessa nova realidade, possibilitando ao aluno ser capaz de compreender, de ser crítico, de poder ler o que se passa no mundo, tornando-o um cidadão pleno, consciente e preparado para enfrentar as novas relações trabalhistas.

Devemos levar em consideração que, de meados da década de 1990 para cá, uma quantidade anteriormente inimaginável de informações na forma de textos históricos, imagens, músicas e vídeos tornaram-se disponíveis a um clique do mouse. Essa avalanche de sons e imagens que inunda o cotidiano das novas gerações deve ser encarada como uma grande oportunidade para o professor de História tornar as aulas mais dinâmicas e interessantes.

Por outro lado, a utilização das novas tecnologias na sala de aula tem o potencial de liberar o professor da obrigação de ser a fonte principal de informação, fazendo com que ele se dedique mais a explicações de conceitos e ao acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, podemos afirmar que a principal função do professor é selecionar as informações e torná-las mais acessíveis aos alunos.

Podemos destacar duas possibilidades principais de utilização das novas tecnologias de informação e comunicação por professores de História: a primeira é como apoio às tarefas tradicionais dos professores, como fonte de recurso para a preparação de aulas e materiais pedagógicos; a segunda, a aplicação de metodologias de utilização pedagógica dessas novas tecnologias.

A inserção das tecnologias no ensino de História pode começar com a utilização do computador, que possibilita aos alunos apropriarem-se de valores que os levem a compreender o passado, produzindo uma análise crítica do presente. Segundo Ferreira (1999, p. 154), o computador no ensino de História deve ser utilizado para:

- desenvolver habilidades como criatividade, coordenação motora, percepção visual e auditiva;
- motivar a pesquisa;
- pôr os alunos em contato com a realidade através do programa (softwares) escolhido;
- organizar as informações;
- classificar dados;
- traças croquis, esboços e desenhos (fazer mapas, plantas da realidade estudada e outros).
- organizar a vida escolar;
- produzir trabalhos escolares, através de softwares de planilhas, banco de dados e processadores de texto;
- elaborar gráficos estatísticos;
- fazer apresentações mais dinâmicas.

Apesar de não ser possível trabalhar em sala de aula todas as sugestões citadas, podemos ressaltar que o computador pode ser utilizado de maneira muito criativa pelos alunos, e dessa forma, ampliar os horizontes através de pesquisas em sites via internet, visitas virtuais a museus, consulta a arquivos históricos, propiciando momentos jamais alcançados antes da criação de tal equipamento. Além disso, o computador pode ser usado para promover o intercâmbio do aluno com o meio, possibilitando-lhe responder às questões construídas em seu cotidiano, tornando possível a participação ativa e responsável do aluno na construção do seu conhecimento.

A internet enquanto recurso tecnológico para as atividades docentes nas aulas de História permite o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno, que é exigido dele pelo mundo moderno. Em contrapartida, essa prática de produção de saberes exige do professor uma maior preparação, pois ele deve fornecer bases contextuais e teóricas capazes de provocar a reflexão acerca da realidade social na qual o aluno está inserido.

Enfim, ensinar história é criar condições para que o aluno aprenda a caminhar com suas próprias pernas. É despertar o senso crítico para entender que o conhecimento histórico é adquirido através de pesquisas e (re)descobertas. Nesse sentido, a sala de aula não é um simples espaço de transmissão de informações, mas um ambiente de vivências, de experiências, de relações entre professor e aluno, onde se dá a construção de sentidos e significações. Diante disso, faz-se necessário a utilização de uma nova metodologia, uma vez que os padrões atuais são incompatíveis com a memorização de datas e fatos, e com a concepção de que o professor é o único detentor do saber.

CAPÍTULO III

INCORPORANDO AS NOVAS TECNOLOGIAS ÀS AULAS DE HISTÓRIA: UM ESTUDO DE CASO

3.1 Utilizando blogs como recurso pedagógico nas aulas de História

Nesse momento do nosso trabalho, iremos apresentar um estudo de caso realizado em uma escola pública da rede estadual de ensino da Paraíba, abordando a utilização das novas tecnologias da informação e comunicação nas aulas de História como parte integrante do processo ensino-aprendizagem.

O trabalho, que teve como objetivo despertar o interesse dos alunos para o estudo de História através das novas tecnologias, foi desenvolvido em uma turma do 9º ano do ensino fundamental formada por 29 estudantes e consistiu na criação de *blogs* pelos próprios alunos e posteriores atualizações semanais dos mesmos.

Dentre os recursos midiáticos disponíveis para o desenvolvimento do nosso trabalho pedagógico, escolhemos o *blog* por se tratar de um meio que possibilita a divulgação de textos e audiovisuais de forma rápida e fácil, bem como por permitir a produção por parte dos educandos.

Além disso, podemos afirmar que o *blog* extrapola as fronteiras da sala de aula e da escola, visto que estabelece relação entre o conteúdo produzido e o público externo. Nesse sentido, os *blogs* foram produzidos com o desígnio de construir conhecimento aliado aos recursos midiáticos, servindo como um ambiente de estudo, de pesquisa e interação.

A experiência foi desenvolvida através de quatro etapas de trabalho, com realização de atividades específicas, tais como apresentadas a seguir:

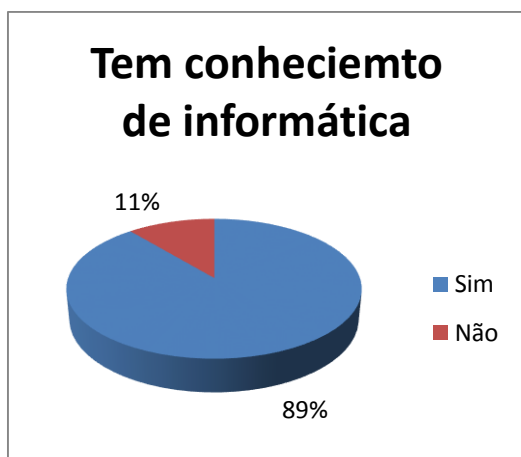
- (1) Diagnóstico: *aplicação de questionário*;
- (2) Sensibilização: *aula expositiva e dialogada; pesquisa inicial; aula no laboratório de informática*;
- (3) Produção e atualização dos blogs: *elaboração de textos; seleção de vídeos e imagens; postagens nos blogs*;
- (4) Avaliação do trabalho: *aplicação de questionário*.

3.1.1 Diagnóstico

Conforme estabelecemos acima, a primeira etapa da experiência foi de diagnóstico, que se deu por meio da aplicação individual de um questionário, composto por questões de múltipla escolha, com o objetivo de saber se os alunos estavam familiarizados com as novas tecnologias e como os recursos tecnológicos vinham sendo utilizados em sala de aula.

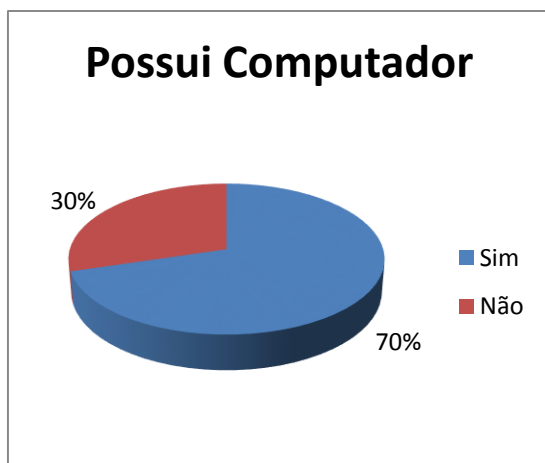
No gráfico 1 observa-se que em um universo de 27 alunos, 24 tem algum conhecimento de informática, enquanto que apenas 3 afirmam não possuir tal conhecimento. Já o gráfico 2 refere-se à quantidade de alunos que possuem computador em casa, o resultado obtido foi 19 respostas afirmativas e 8 negativas.

Gráfico 1: Você tem conhecimento de informática?



Fonte: ARAUJO, Miebt Oliveira de. Pesquisa de campo. 20 de Agosto de 2014.

Gráfico 2: Você possui computador em casa?

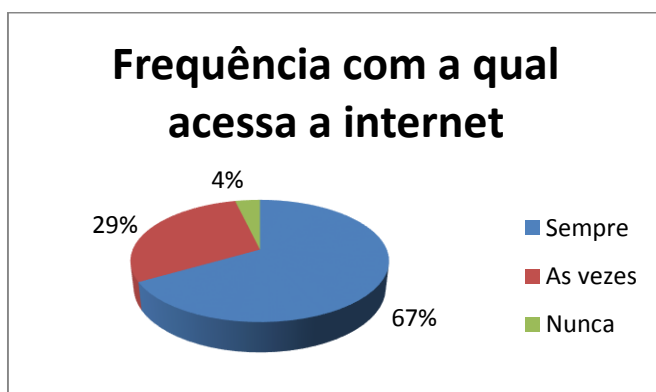


Fonte: ARAUJO, Miebt Oliveira de. Pesquisa de campo. 20 de Agosto de 2014.

A partir da observação dos dados dos gráficos 1 e 2, podemos perceber que a quantidade de alunos que têm conhecimento de informática é superior à quantidade dos que possuem computador em casa. Dessa forma, podemos inferir que os alunos encontram outros locais para aprender a manusear os equipamentos de informática além do ambiente doméstico.

Os alunos também foram questionados a respeito da frequência com a qual acessam a internet e com qual finalidade. Como pode-se observar, no gráfico 3, 18 educandos afirmaram que acessam a internet frequentemente, enquanto 8 responderam que acessam a rede às vezes e apenas 1 relatou nunca acessar. Ou seja, a maioria dos alunos acessa a internet com certa frequência.

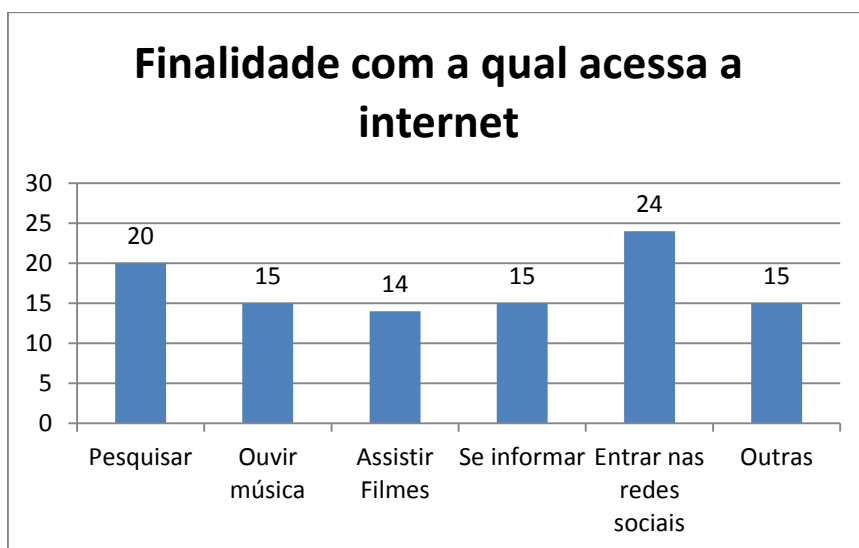
Gráfico 3: Com qual frequência você acessa a internet?



Fonte: ARAUJO, Miebt Oliveira de. Pesquisa de campo. 20 de Agosto de 2014.

No que diz respeito à finalidade com a qual os alunos acessam a internet, foram citadas como opções de respostas as atividades consideradas, por nós, como as mais comuns realizadas pelos jovens, quando navegam na rede. Eles tiveram seis possibilidades de respostas, podendo optar por várias ou todas as alternativas. Os resultados obtidos podem ser verificados no gráfico 4:

Gráfico 4: Se você acessa a internet, geralmente faz com qual finalidade?

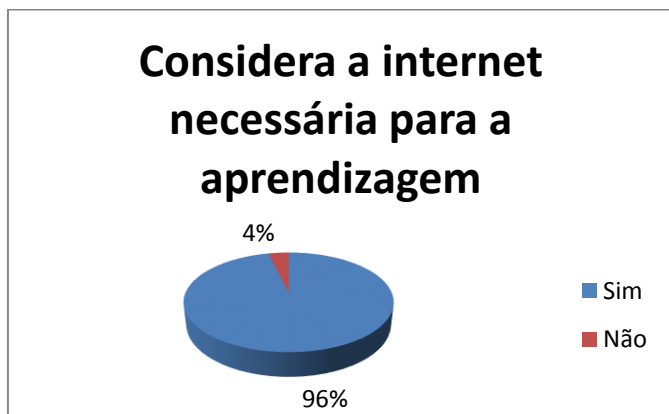


Fonte: ARAUJO, Miebt Oliveira de. Pesquisa de campo. 20 de Agosto de 2014.

A partir dos dados apresentados no gráfico 4, podemos perceber que os alunos da turma escolhida acessam a rede de internet com diversas finalidade, dentre as quais ganha destaque o acesso às redes sociais. Também é possível perceber que a opção outras foi bastante selecionada, sendo mencionado principalmente o acesso a jogos online.

Através do questionário também procuramos analisar se os alunos consideram as novas tecnologias, especificamente a internet, como importante recurso para o processo ensino-aprendizagem. Como já era de se esperar, a resposta foi quase unânime no sentido de que a internet é um instrumento muito importante para a aprendizagem dos educandos, como podemos visualizar no gráfico 5:

Gráfico 5: Você considera a internet necessária para sua aprendizagem?



Fonte: ARAUJO, Miebt Oliveira de. Pesquisa de campo. 20 de Agosto de 2014.

Essa percepção dos alunos se contrapõe ao modo como as novas tecnologias vêm sendo utilizadas na sala de aula. Indagados se a forma como os recursos tecnológicos estavam sendo utilizados na escola vinha atendendo às suas expectativas, nenhum aluno selecionou a opção suficiente, enquanto que 12 afirmam que consideram que os recursos são usados de forma regular, e 15 de forma insuficiente.

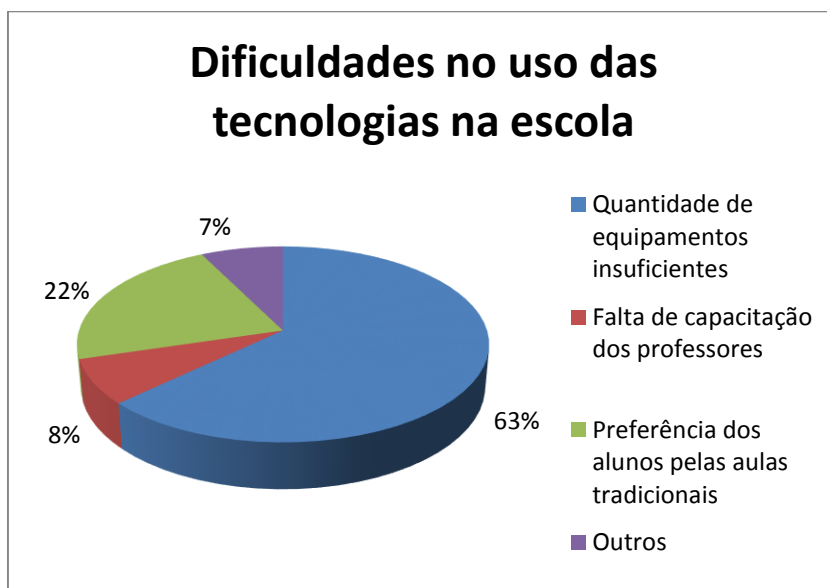
Gráfico 6: Na escola, os recursos tecnológicos são usados de forma: () Suficiente; () Regular; () Insuficiente.



Fonte: ARAUJO, Miebt Oliveira de. Pesquisa de campo. 20 de Agosto de 2014.

Por fim, os alunos foram questionados a respeito das dificuldades que impedem a utilização de forma satisfatória das novas tecnologias na escola. Dentre os 27 alunos entrevistados, 17 consideram que a quantidade insuficiente de equipamentos é o que mais atrapalha no uso dos recursos tecnológicos nas aulas, 2 acreditam que a ausência dos recursos nas aulas está relacionada à falta de capacitação dos professores, 6 avaliam que os recursos nem sempre são introduzidos nas aulas, porque os alunos preferem as aulas tradicionais, e 2 julgam que outros motivos não especificados seriam os responsáveis.

Gráfico 7: Assinale o item que melhor expressa sua dificuldade no uso das novas tecnologias na escola.



Fonte: ARAUJO, Miebt Oliveira de. Pesquisa de campo. 20 de Agosto de 2014.

A partir dos dados coletados com a aplicação do questionário, verificamos que a maioria dos alunos da turma tinha um conhecimento de informática suficiente para o trabalho planejado com os *blogs*, além de percebermos que eles apresentavam interesse pelo trabalho, considerando a utilização dos recursos tecnológicos importante para sua aprendizagem.

3.1.2 Sensibilização

O próximo passo foi a realização de uma aula expositiva discutindo a importância das tecnologias da informação e comunicação para o ensino e estudo da História. Destacamos que as ferramentas digitais, a internet, as redes sociais, os aplicativos de navegação, os *blogs* e os sites potencializaram o trabalho do historiador, citamos como exemplos a digitalização de documentos, a democratização da publicação de livros, de revistas eletrônicas e bibliotecas digitais que facilitam a pesquisa dos historiadores e dos estudantes em geral. Em seguida, lançamos a proposta do projeto com os *blogs* para a turma, que aceitou com muita expectativa e entusiasmo.

Em um momento posterior, dividimos a turma em quatro equipes e os alunos foram convidados a visitar o laboratório de informática da escola, até então pouco utilizado, onde tomaram conhecimento do funcionamento de um *blog*. Apesar da

maioria dos alunos já conhecerem essa ferramenta, se mostraram interessados ao visitar alguns blogs que abordavam os conteúdos de história de forma mais dinâmica. Na oportunidade, criamos e-mails dos alunos que não possuíam endereço eletrônico, condição necessária para a criação de blogs gratuitos.



Imagem 01: Alunos do 9º ano assistindo atentos a um vídeo explicativo sobre o funcionamento e criação de um blog.

3.1.3 Produção e atualização dos blogs

A turma, já organizada em grupos, seguiu para a realização da terceira etapa do trabalho. Cada grupo ficou responsável pela produção de um blog, tarefa que os alunos realizaram com certa facilidade, já que o processo de criação de um blog não difere muito da criação de um perfil nas redes sociais, habilidade essa que os alunos já dominam.

O trabalho teve continuidade com pesquisas sobre os conteúdos estudados em sala, leitura, compreensão e interpretação de textos. Em seguida, as equipes passaram para a etapa de discussão e produção, seleção dos textos e dos subtemas para serem postados no *blog*. O passo seguinte consistiu na postagem dos textos produzidos, juntamente com fotografias, imagens, charges, documentários, vídeos, o que enriqueceu bastante os *blogs*.

Nesse momento do trabalho, os educandos refletiram sobre os diversos lugares de memória instituídos durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria, desnaturalizando o olhar sobre esses eventos históricos. Perceberam o papel dos sujeitos na construção da identidade pessoal e social, levando-os a um posicionamento mais crítico para interpretar o passado, refletindo essa criticidade no presente, postura muito importante na formação da identidade do aluno e na promoção da cidadania.

Nesta etapa do projeto, voltada para a criação e participação prática dos alunos, podemos perceber como resultado positivo o estímulo para o estudo através de mídias digitais. Observamos que os alunos se mostraram mais participativos, trabalharam em equipe, os grupos se ajudaram, alunos que detinham um domínio maior das ferramentas digitais auxiliaram os demais que não dominavam tão bem tais recursos. Além de estimular o estudo da disciplina, os alunos conquistaram autonomia no processo de ensino aprendizagem, dominando o conteúdo estudado, ampliando sua criticidade e relacionando o presente com o passado, elemento fundamental no estudo da história.



Imagem 02: Grupo de alunas atualizando o blog.

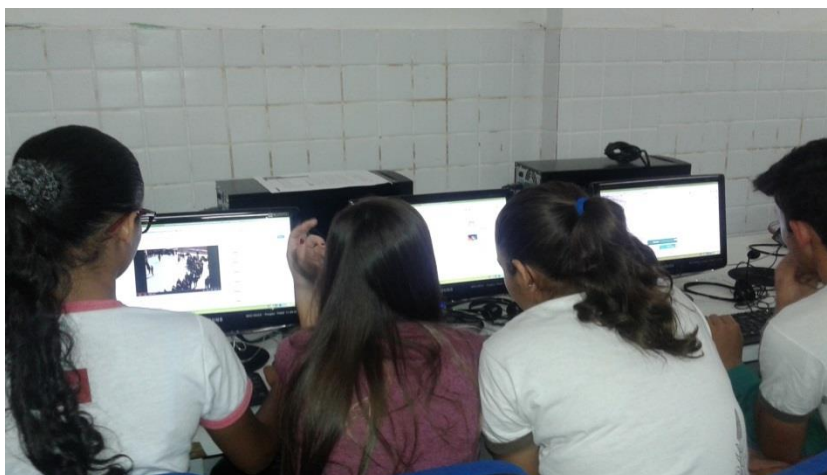



Imagem 3: Grupo visualizando vídeo para postar no blog.

O trabalho com os blogs proporcionou a interação dos alunos, fortalecendo o companheirismo característico do trabalho em equipe, além de estimular e valorizar a produção dos mesmos, elevando a autoestima dos educandos, que se viram como agentes do processo ensino-aprendizagem.

Para legitimar o que foi dito acima, se faz imprescindível observar as páginas dos blogs criados pelos alunos. Abaixo apresentaremos algumas imagens dessas páginas e seus respectivos endereços eletrônicos:



Grande incêndio causado pelo bombardeio atômico durante a Segunda Guerra Mundial, principalmente na Alemanha, onde os nazistas mandaram para campos de concentração e mataram aproximadamente seis milhões de judeus.



Você sabia?

- O dia 8 de maio é o Dia Mundial em memória dos que morreram durante a Segunda Guerra Mundial.

acesse também: http://www.google.com.br/url?sa=t&ct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=DCB8QtWlwAA&url=http%3A%2F%2Fwww.youtube.com%2Fwatch%3Fv%3D7QhEvTfH3bg&e=dCwcVJj-FZeNnpYdglAI&usq=AFQjCNH6PLgLDib3GHncICVgndp7X9hQ&sig2=Xf8PczRH45MXwNqdvDx_Q&bvwm=bv.75774317.d.eXY

Endereço eletrônico: <http://laauzianny.blogspot.com.br/>

História na Net - [REDACTED]

SEXTA-FEIRA, 17 DE OUTUBRO DE 2014

Ainda sobre a Guerra Fria...

Ilustrando melhor o ambiente vivido na Guerra Fria, resolvemos trazer uma tirinha que ilustre a mesma.



QUEM SOU EU

História na Net? A Escoteira Joana Emilia

Visualizar meu perfil completo

ARQUIVO DO BLOG

- 2014 (3)
 - Outubro (2)
 - Ainda sobre a Guerra Fria...
 - Guerra Fria
 - Setembro (1)

JOGOS SOBRE A GUERRA FRIA

Call of Duty Black Ops é um jogo publicado pela Activision e desenvolvido pela Treyarch. O jogo foi anunciado em 30 de Abril de 2010, o sétimo capítulo da série Call of Duty e o primeiro situado na Guerra Fria.



O mesmo é um jogo de tiro em primeira pessoa. No qual o jogador assume o papel de um veterano de guerra que pode manejar diversos tipos de armas. O jogador assume o papel de vários personagens na campanha mudando de perspectiva ao longo do jogo. Call of Duty Black Ops é situado na década de 60 em meio a Guerra Fria.

Postado por História na Net 9 A Escola Joana Emilia às 06:09 Nenhum comentário:

Segunda Guerra Mundial

Resumo da Segunda Guerra Mundial

A Segunda Guerra Mundial foi um conflito bélico que ocorreu na primeira metade do século XX, envolveu mais de setenta nações, opondo os Aliados às Potências do Eixo. A guerra teve início em 1 de setembro de 1939 com a invasão da Polónia pela Alemanha e as subsequentes declarações de guerra da França e da Grã-Bretanha, estendendo-se até 2 de setembro de 1945.

Esta guerra mobilizou mais de 100 milhões de militares, e acarretou a morte de, aproximadamente, setenta milhões de pessoas (aproximadamente 2% da população mundial da época), a maior parte foram civis. É considerado o maior e mais sangrento conflito de toda a história da humanidade.



Hitler Quando invadiu a Polónia

As principais nações que lutaram pelo Eixo foram: Itália, Japão e Alemanha. As que lutaram pelos Aliados foram especialmente: França, Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética.

A guerra terminou com a rendição das nações do Eixo, seguindo-se a criação da ONU (Organização das Nações Unidas), o início da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética (que saíram do conflito como superpotências mundiais) e a aceleração do processo de descolonização da Ásia e da África.

Endereço eletrônico: <http://historiananet888.blogspot.com.br/>

Historiando


Tobias Santos

Adicionar a

A lista de seguidores é particular

sexta-feira, 17 de outubro de 2014

<http://rachacuca.com.br/> e um site de perguntas e resposta



Total de visualizações da página

71




Arquivo do blog

2014 (2)

Outubro (1)


<http://rachacuca.com.br/>

Fotos da Segunda Guerra Mundial


- Soldados japoneses durante a Batalha de Wuhan (1939)
 
- Tanques alemães avançam em deserto na campanha militar do norte da África
 
- Rua de Kiev (Ucrânia) após bombardeio alemão em 1941
 

Videos da Segunda Guerra Mundial

Segunda Guerra Mundial - cenas reais



Segunda Guerra Mundial - Filme Alemão em cores (cenas fortes)



Endereço eletrônico: <http://historiandojoanaemilia.blogspot.com.br/>



Endereço eletrônico: <http://pornojoanaemilia.blogspot.com.br/>

3.1.4 Avaliação do trabalho

No último momento do trabalho, foi realizada uma pesquisa quantitativa, aplicando-se um questionário com cada grupo sobre a utilização dos blogs nas aulas de História e no processo de construção do conhecimento. Tal questionário foi composto pelas seguintes questões:

1. O que mais chamou a atenção do grupo no trabalho com os blogs?
2. Qual a relação que o grupo faz entre uma aula tradicional e uma aula com o recurso do blog?
3. Qual a vantagem de se utilizar os blogs para estudar História?
4. Quais as dificuldades encontradas ao utilizar o blog?
5. De que forma o trabalho com blogs nas aulas de História pode contribuir para seu aprendizado?

O quadro abaixo apresenta o resultado da aplicação do questionário. Em sua análise, observamos que, de uma forma geral, os alunos consideraram positivos os resultados obtidos no trabalho com os blogs, reconhecendo a importância desse recurso no processo de ensino-aprendizagem. Também podemos observar que a dificuldade maior percebida pelos alunos está relacionada à falta de equipamentos adequados, pois

os mesmos ressaltaram a quantidade pequena de computadores e a reduzida velocidade da internet.

Questões	Respostas
O que mais chamou a atenção dos alunos no trabalho com os blogs	<ul style="list-style-type: none"> - o blog ajuda a interagir com os assuntos estudados; - a criação do blog e postagens de imagens e vídeos; - o interesse dos internautas pelas postagens no blog; - a facilidade de abordar no blog os assuntos tratados em sala de aula.
Relação estabelecida pelos alunos entre uma aula tradicional e uma aula com o recurso do blog	<ul style="list-style-type: none"> - nas aulas com os blogs nós mesmos procuramos os assuntos que estudamos, e com isso aprendemos mais; - a aula tradicional é chata enquanto que com o blog é mais legal; - as aulas com os blogs aprofundaram nosso conhecimentos sobre os assuntos vistos em sala de aula; - a aula com blogs trás a praticidade da internet para o conhecimento da história.
Vantagens da utilização dos blogs para o estudo de História	<ul style="list-style-type: none"> - Aprofunda nossos conhecimentos sobre os conteúdos; - nos blogs encontramos mais informações que nos livros; - a praticidade para termos acesso aos conteúdos; - interação dinâmica entre os conteúdos.
Dificuldades encontradas para a utilização dos blogs	<ul style="list-style-type: none"> - falta de empenho de um componente do grupo; - quantidade de computadores insuficiente e internet lenta;
Contribuições do trabalho com os blogs para a aprendizagem dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> - o blog nos estimula a aprender mais; - aprendizagem de forma rápida e divertida; - maior interação com os assuntos através de imagens e vídeos; - complementa as informações estudadas em sala e aprofunda nossos conhecimentos de informática.

Quadro 1: Resultado da avaliação do trabalho com os blogs pelos alunos.

Para aferir a participação dos membros dos grupos no processo avaliativo, informamos aos alunos que essa fase era imprescindível para continuarmos com o trabalho com os blogs, pois seria o momento deles exporem os pontos que eles consideraram positivos e negativos na nossa experiência com a utilização das novas tecnologias nas aulas de História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o avanço das tecnologias da informação e comunicação, a internet e as redes sociais estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, inclusive de nossos alunos. Dentro deste contexto, o professor encontra o grande desafio de dar conta de uma demanda de estudantes que não desejam mais metodologias convencionais de ensino, as quais não despertam o interesse dos educandos pelo processo de ensino aprendizagem.

A disciplina de História enfrenta uma grande resistência dos alunos, principalmente por ser um componente que exige muita leitura e interpretação. Como a maioria dos estudantes não é atraída por este tipo de metodologia, é necessário que o professor construa estratégias que visem despertar nos estudantes o desejo pela aprendizagem, melhorando assim o rendimento e diminuindo a evasão escolar.

No nosso mundo contemporâneo, a internet já faz parte do dia-a-dia da maioria dos nossos alunos. Mesmos os que não possuem computador, ou celular com acesso à rede, recorrem às LAN houses e ao laboratório de computação da escola, para acessarem a internet. Quando questionados, a maioria dos estudantes relatou que já teve alguma experiência com o mundo digital.

Nesses termos, a Internet pode ser empregada como ferramenta mediatizadora da edificação do conhecimento crítico e reflexivo, apropriado para situar uma relação dialógica e de troca de saber entre os educandos.

Ensinar História com o auxílio da internet torna o estudo mais global, além de o aluno contar com uma gama maior de informações, que torna o ensino mais interativo e transdisciplinar. Pois, à medida que o aluno vai pesquisar sobre determinados acontecimento históricos, ele vai se deparar com informações diversas, que acabam envolvendo outras disciplinas.

Nesse sentido, desenvolvemos um projeto que utiliza *blogs* como ferramentas pedagógicas, no intuito de despertar o interesse dos alunos pela disciplina de História e promover a conquista da autonomia destes no processo de aprendizagem. Tal projeto apresentou resultados bastante positivos, aumentando a empatia dos alunos pelas aulas de História e tornando a abordagem de conteúdos mais dinâmica. Além disso, o trabalho levou os alunos a se posicionarem diante de fatos presentes a partir da interpretação de suas relações com o passado.

De uma forma geral, podemos afirmar que a utilização das TICs no ensino de História promove um saber ampliado e desenvolve o espírito investigativo e colaborativo. Professores e alunos constroem juntamente os saberes, retirando do professor o papel de único detentor e transmissor do conhecimento. Nesse sentido, as TICs tornam-se a base para uma educação contemporânea e interativa, traduzindo os anseios de uma sociedade cada vez mais conectada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 9º ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- BRITO, Gláucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias: um re-pensar**. 2ª ed. Curitiba: Ibepex, 2008.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**: conversações com Jean Lebrun; tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- FERREIRA, Carlos Augusto Lima. **Ensino de história e a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação: uma reflexão**. Revista de História Regional. V.4, n.2 1999. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2087/1569>> Acessado em 7 de outubro de 2014.
- FONSECA, Thais Nívea. **História e Ensino de História**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- LEMOS, Silvana. **Nativos digitais x aprendizagens: um desafio para a escola**. Rio de Janeiro: B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., 2009. Disponível em: <<http://www.senac.br/BTS/353/artigo-04.pdf>>. Acesso em 05 de outubro de 2014.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. Goiânia: Cortez Editora, 1998.
- MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. 4ª ed. Campinas: Papirus, 2009, p 101-111.
- MORAN, José Manuel. **Os novos espaços de atuação do educador com as tecnologias**. Curitiba: Champagnat, 2004. Disponível em: <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-edu-com-tec/artigos/os%20novos%20espacos%20de%20atuacao%20do%20educador....pdf> Acesso em 05 de outubro de 2014.

NEMI, Ana Lúcia Lana. et.al. **Ensino de história e experiências: o tempo vivido**. 1^a ed. São Paulo: FTD, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3^a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.